

O Paradoxo dos Métodos Avaliativos Durante o Ensino Remoto Emergencial – Um Caminho Para a Avaliação Mediadora

The Paradox of Assessment Methods During Emergency Remote Teaching – A Path to Mediating Assessment

Jhones Rodrigues de Jesus

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jhones.rodriques12@gmail.com

Ana Cristina Santos Duarte

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Tinaduarte2@gmail.com

Resumo

O interesse pelo estudo da avaliação é a constatação de que, apesar de sua relevância e do empenho de diversos autores, como Cipriano Luckesi e Jussara Hoffmann, o sistema educacional continua especificando as regras que norteiam a avaliação. À vista disso esta pesquisa apresenta um estudo das percepções de professores e alunos do ensino superior acerca da avaliação e dos modos de avaliar em tempos de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Os resultados expõem perspectivas, reflexões, novas configurações e valores sobre o ato de avaliar com base em dados produzidos pela aplicação de um questionário aos sujeitos da pesquisa formado por docentes e discentes do curso de Ciências Biológicas de uma universidade. A discussão aponta novas concepções para avaliação em decorrência das necessidades de um novo contexto educacional decorrente do isolamento social em tempos de Covid19, como por exemplo, a avaliação mediadora.

Palavras chave: Avaliação, Ensino Remoto Emergencial, Avaliação Mediadora.

Abstract

The interest for the study of evaluation is the realization that, despite its relevance and the efforts of several authors, such as Cipriano Luckesi and Jussara Hoffmann, the educational system continues to specify the rules that guide evaluation. In light of this, this research presents a study of the perceptions of higher education teachers and students about assessment and ways of assessing in times of Emergency Remote Teaching (ERT). The results show perspectives, considerations, new configurations, and values about the act of evaluating based on data produced by the use of a questionnaire given to the research subjects, consisting of teachers and students from the Biological Sciences program at a university. The discussion

points to new concepts for assessment as a result of the needs of a new educational context arising from social isolation in Covid19 era, such as mediating assessment.

Key words: Assessment, Emergency Remote Teaching, Mediating Assessment.

Introdução

Debater acerca da avaliação no sistema educacional é repensar sua função, configuração e papel social. Ao longo do presente estudo, tal temática nos levará a discutir sobre a dialética e diálogo, inquietudes e desafios, ensino e aprendizagem, instrução e formação. A avaliação é um processo que segue alguns ritos que incluem a observação, verificação, análise e interpretação de determinados fenômenos definindo-os como dados relevantes, com o objetivo de inferir no desenvolvimento do avaliado. Para Morreto (2007), dentre os pontos mais discutidos no processo educativo está a avaliação; a coerência do que o professor ensina e a forma como ele avalia a aprendizagem é um dos fatores para encaminhar um bom processo educativo.

O ato ainda prevalecente em muitas instituições no país originou-se de práticas muito tradicionais, focando mais em restringir o comportamento dos alunos do que efetivamente garantir sua aprendizagem. Isso evidencia que a muito tempo a avaliação exerce uma relação de poder e autoritarismo entre professor e aluno. Historicamente falando o aluno vai à instituição de ensino não para aprender e sim para ser submetido a um processo de seletividade, como afirma Luckesi “a escola brasileira opera com a verificação e não com a avaliação da aprendizagem” (Luckesi, 2002, p.93).

Posto que a prática de avaliação da aprendizagem acadêmica está de acordo com a compreensão teórica conservadora da sociedade e da educação, seus limites devem ser rompidos, por isso é necessário inserir a avaliação em uma pedagogia que possa compreender e valorizar a educação e os métodos de ensino como mecanismo de transformação social. Nesse sentido, Castro e Carvalho (2006) apontam que o aluno, em uma avaliação, deve ser levado a pensar, a buscar novos recursos com finalidade de chegar a um denominador comum e atingir o conhecimento. Esse conhecimento não é apenas uma reprodução de informações e sim do significado que o aluno deu às informações que passaram a ele e como ele vai aplicá-lo no seu cotidiano.

Tal perspectiva vai de encontro com o modelo educacional implementado em 2020 e 2021 em consequência da pandemia do COVID-19 que causou mudanças nas práticas de ensino e nas atividades acadêmicas, alterando por tanto, a relação dos alunos com a universidade. Devido ao isolamento social deflagrado pelas políticas de distanciamento, as instituições, assim como alunos e professores, encontraram-se na necessidade de utilizar ferramentas digitais em substituição aos cursos presenciais.

Com o cenário descrito, um questionamento tem ocupado espaço no campo da educação: como fazer a avaliação no ambiente virtual?

É fundamental estabelecer um conceito de avaliação que atenda às necessidades de um novo referencial para a organização do processo avaliatório. Mais do que nunca, em termos de atribuição de juízo, o professor precisou mudar sua postura, passando a ser um mediador, tendo em vista que o mais importante é estimular a autonomia e permitir que o aluno construa o seu próprio conhecimento. Para Hoffmann, é essencial repensar o processo de avaliação sem a dicotomização do ensino e da aprendizagem.

“O paradigma de avaliação que se opõe ao paradigma sentencioso, classificatório é o que denomino de avaliação mediadora” (Hoffmann, 2005, p.51). O objetivo é avançar para ações



avaliativas reflexivas e desafiadoras dos educadores, contribuindo, esclarecendo e facilitando a troca de ideias entre e com os alunos, a fim de superar a produção de conhecimento, com base no transferir, verificar e registrar.

Desse modo, para além do uso das tecnologias, mudanças na conjuntura atual do sistema educacional permitiram novas cognições e atividades de aprendizagem ou metodologias ativas. Nesse sentido, quais as estratégias de avaliação foram utilizadas pelos docentes no Ensino Remoto Emergencial?

Analisar os métodos avaliativos no contexto do ensino superior é um dos pontos essenciais para o resultado do processo ensino aprendizagem. Diante desse pressuposto, o objetivo da pesquisa foi analisar as percepções, reflexões, valorações de professores e alunos sobre o ato de avaliar, bem como as práticas e instrumentos avaliativos adotados pelo corpo docente durante o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE), a fim de identificar o emprego de novas estratégias avaliativas no referido modelo de ensino.

O Paradoxo da Avaliação em Tempos de Pandemia

A avaliação não deve ser entendida como uma atividade excessivamente complexa ou simples. A avaliação deve ser vista como uma ferramenta escolar que requer habilidades, comprometimento e responsabilidade, tendo sempre seus aspectos qualitativos enfatizados. Segundo Monteiro (2015) no processo de avaliação de um aluno, é necessário tratá-lo como humano. Portanto, avaliar um educando como um todo é avaliá-lo em sua essência, vai além do presente e busca algumas respostas e explicações no passado para inspirar uma atitude de mudança.

À vista disso, se faz necessário deixar para trás práxis obsoletas que possui um único objetivo: determinar o valor e o mérito do que está sendo avaliado; e que já não representa mais o atual cenário educacional. No Brasil, com a pandemia da Covid-19, o uso de artefatos tecnológicos na educação ganhou força. Uma força que pode ter um impacto complexo nos múltiplos emaranhados da educação brasileira ao longo dos próximos anos. Por isso, Monteiro (2020) considera que docentes tiveram que se adaptar e se readaptar proativamente a atual ocasião, que passa a exigir práticas pedagógicas mais vigorosas.

A complexidade de tal momento exacerbou os desafios que existiam anteriormente no ensino superior. Portanto, os administradores universitários tiveram a responsabilidade de desenvolver novas diretrizes que fossem consistentes com as restrições causadas pela pandemia e orientassem seu desempenho profissional em ambientes adversos. Tendo em conta as dificuldades comuns na implementação da prática docente, os educadores se veem na obrigação de serem ainda mais criativos. De uma forma especial, surge o indagação provocador e conflituoso para muitos professores amarrados num processo de avaliação por julgamento que, classifica e se expressa quantificando o valor de cada aluno no processo de aquisição e encadeamento do conhecimento: Como avaliar em tempos de pandemia?

O paradoxo da avaliação no ensino online acontece quando se quebra as crenças comuns compartilhadas pela maioria das pessoas, pois para Piaget (1973) e Luckesi (1984a), a prática avaliativa em métodos de ensino relacionados à transformação deve focar no caminho da superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia estudantil, visto que, o novo modelo social exige a participação democrática de todos. Isso significa igualdade, e esse fato não acontecerá se a autonomia e a reciprocidade na relação não forem realizadas.

Avaliação Mediadora

A educação online se configura como uma série de atividades de ensino ou ações curriculares mediadas por interfaces digitais que podem potencializar as práticas de interação, e comunicação hipertextuais e co-construção. Tendo dito isto, é possível notar que o Ensino Remoto estabelece relação com a avaliação mediadora, em que um dos principais objetivos é fazer com que o aluno alcance a aprendizagem significativa.

A avaliação mediadora é uma atividade que estimula os alunos a desenvolverem seus processos cognitivos, mas o que a maioria das escolas e seus professores vivenciam é o processo de avaliação como um sistema de qualificação do ensino (HOFFMANN, 1993). Nesse sentido, Kasai (2000) afirma que, somente no cotidiano acadêmico, por meio da negociação, reflexão e autocrítica da própria prática docente, a avaliação pode ser alterada. Se docentes não cogitar as possíveis explicações para o malogro dos alunos para além de seu comprometimento, estes educadores não podem evoluir a caminho de dois princípios que atuam como intermediários na avaliação: o princípio da supervisão reflexiva e o princípio do diálogo. (HOFFMANN 2000).

Dado isso, a avaliação mediadora segue alguns princípios, que se opõe a atribuição de notas. Nesta, o docente direciona sua epistemologia para alcançar a autonomia do aluno que, por sua vez, desempenha um papel ainda mais importante no ensino superior. São eles:

- **Evitar o certo/errado:** Hoffman sugere direcionar os alunos ao encontro das próprias dificuldades, dando-lhes a oportunidade de descobrir possíveis soluções. Ir além do tradicional e jamais atribuir notas às tarefas, para com isso, valorizar ideias, bem como promover o acompanhamento do aluno em seu processo de construção do conhecimento.
- **Promover o compartilhamento de ideias:** Hoffman propõe diferentes tarefas que permitem que os alunos expressem suas ideias seja na sala de aula, seja em casa e a qualquer momento.
- **Oportunizar discussão entre os alunos:** Por meio de jogos, debates e textos, os alunos refletem sobre seus argumentos, enriquecem suas ideias, buscam refutações e têm a oportunidade de fazer suas próprias descobertas, formar conceitos e mover-se efetivamente rumo ao aprendizado.
- **Realizar tarefas individuais, procurando entender razões para as respostas apresentadas pelos educandos:** A avaliação mediadora requer a observação individual de cada aluno, priorizando o seu processo de construção do conhecimento.

Tais concepções exige que o professor estabeleça uma relação próxima e direta com os alunos, que se baseia em um atendimento que é feito separadamente através da comunicação verbal por intermédio de explicações, orientações e encaminhamentos. Para tanto, os parâmetros de avaliação da aprendizagem devem ser debatidos entre alunos e professores de forma responsável, onde o diálogo tem de prevalecer.

Caminho Metodológico

O presente estudo colabora com o sistema educacional a nível superior em meio ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), ocasionado pelo distanciamento social necessário em tempos de pandemia. Em vista disso, lançou-se mão de uma pesquisa qualitativa, que de acordo com Minayo (2001), cuida dos fatores da realidade que não podem ser quantificados, destinando-se na percepção e explicação da dinâmica das relações sociais. A ferramenta de pesquisa que ampara este estudo é o questionário, que devido ao contexto pandêmico foi aplicado de forma online. A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Estadual do Sudoeste



da Bahia, campus Jequié. Participaram da pesquisa, 18 docentes da Universidade referida que lecionam no curso de ciências biológicas e 25 discentes do curso mencionado. A escolha dos professores se deu através da disponibilidade dos mesmos para participação na pesquisa. Enquanto isso foram, escolhidos alunos graduandos a partir do IV semestre, tendo em vista que estes já possuem uma visão mais ampliada do universo acadêmico no âmbito superior, além destes já terem passado por mais processos avaliativos do que aqueles ingressantes.

O questionário direcionado para os docentes buscou investigar quais métodos e instrumentos avaliativos estão sendo utilizados durante o ERE; já o questionário voltado aos discentes, procurou confirmar tais juízos de valor atribuído pelo educador, além de evidenciar o grau de satisfação dos participantes em relação a tais metodologias apontadas, bem como, de averiguar se os educandos se sentiram instigados a desenvolver seu processo cognitivo com os instrumentos de avaliação utilizados. Para isso foram utilizadas as perguntas sinalizadas no quadro abaixo:

Quadro 1: perguntas do questionário utilizado.

Questionário Discente	Questionário Docente
Para você, o que é avaliação e quais os seus objetivos?	Para você, o que é avaliação e quais os seus objetivos?
Você possui alguma crítica ao processo avaliativo?	Você possui alguma crítica ao processo avaliativo?
Como está sendo sua relação com o Ensino Remoto Emergencial (ERE) (excelente, boa, razoável, ruim)? Por que?	Como está sendo sua relação com o Ensino Remoto Emergencial (ERE) (excelente, boa, razoável, ruim)? Por que?
Você acha que durante o ERE o processo avaliativo deve ser modificado? Por que?	Você acha que durante o ERE o processo avaliativo deve ser modificado? Por que?
Como avaliar em tempos de Ensino Remoto?	Como avaliar em tempos de Ensino Remoto?
Na sua concepção o corpo docente mudou seus métodos e instrumentos avaliativos durante o ERE? Em caso de “sim” ou “alguns” quais foram as mudanças ?	Qual método avaliativo você utilizava durante o ensino presencial?
Para você tais métodos estão sendo satisfatórios? Por quê?	Durante o ERE, você continuou com a mesma metodologia de avaliação utilizada no ensino presencial? Se sua resposta for não, quais métodos e instrumentos você tem utilizado?
Na sua perspectiva de discente, como o professor pode ajudar o aluno numa melhor compreensão e assimilação da disciplina para que o mesmo não fique preso apenas na obtenção de nota ou do conhecimento mínimo para ser aprovado durante o ERE?	Você acha que tais métodos estão sendo satisfatórios? Por que?
	Na sua concepção, como você enquanto docente pode ajudar o aluno numa melhor compreensão e assimilação da disciplina para que o mesmo não fique preso apenas na obtenção de nota ou do conhecimento mínimo para ser aprovado durante o ERE?

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir disso, foi realizada uma análise de tais práticas avaliativas adotadas pelo corpo docente, para concluir se houve o emprego de novas estratégias avaliativas durante o ERE e se estas abrem caminho para uma avaliação mediadora.

Para isso, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, posto que, no campo da pesquisa qualitativa, a seleção de métodos e técnicas de análise de dados deve examinar vários aspectos dos dados coletados. Bardin (2010) entende o método de análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de pesquisa cuja finalidade é encontrar o sentido do estudo

proposto, dessa forma, apoia-se a retórica da pesquisa, ao conteúdo de forma minuciosa, bem como aos manifestos encontrados.

A princípio foi realizada a pré-exploração do material com o intuito de apreender e organizar de forma não estruturada aspectos importantes para as próximas fases da análise. Ressaltando que neste momento os discentes foram codificados como DI e os docentes como DO. Uma vez que, para Bogdan e Biklen (1994) o consentimento informado e a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos, são duas questões indispensáveis no âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos. Posteriormente, foi realizada a seleção das unidades de análise, nas quais frases, sentenças e parágrafos foram para tal, ressaltando que, houveram respostas em que apenas um respondente atribuiu mais de uma concepção, sendo estas também consideradas no estudo.

Resultados e Discussão

Tendo em vista a referida situação educacional, os atuais procedimentos legais operacionais e a estrutura da educação precisaram ser revistos para atender aos requisitos do momento pandêmico, que trouxe grandes modificações. Por meio desta pesquisa foi possível perceber que tais mudanças exigem, (re)inventar novos processos que dialoguem com o novo. Nesse sentido, coube ao docente se adaptar e readaptar ao momento atípico, que passou a lhe exigir um maior dinamismo em relação ao fazer pedagógico.

O presente estudo ainda constatou que se faz necessário compreender a importância de lançar mão, de procedimentos pedagógicos que ultrapassem os paradigmas do “observar e mensurar”, na realidade que a pandemia ofereceu, uma vez que a inteligência humana não pode ser aferida por meio de uma única proposta, irrefutável e de caráter escuso. Prova disso é que a maioria dos discentes e docentes que participaram da pesquisa concordou que o processo avaliativo deveria ser modificado ou adequado durante o Ensino Remoto Emergencial.

É diante dessa situação que se percebe a nova dicotomia que deu origem à pesquisa em questão. Mesmo diante a um processo de repensar as diferentes posições em relação à avaliação da aprendizagem que também se coloca como complexo, o estudo não se furta a responsabilidade de contribuir com um tratamento de tal temática de forma qualitativa. Para tanto, em busca da compreensão da configuração que se estabelece entre sujeitos, optou-se por tomar como ponto de análise e reflexão de forma exploratória sobre a avaliação, os desafios e as novas possibilidades que as cercam, postos aos professores no que tange à reinvenção dos processos avaliativos. Sendo assim buscou-se verificar os pontos de vista de discentes e docentes quanto a avaliação nos âmbitos conceituais e sua prática durante o ERE, como apresentado no quadro 2.

Quadro 2: Concepções de discentes e docentes quanto à avaliação.

Método de análise de aprendizagem	22 DI – 14 DO
Método para medir desenvolvimento	05 DI – 05 DO
Autoanálise de práticas docentes	02 DI – 07 DO

Fonte: Elaborado pelo autor

Inicialmente verificou-se como que os docentes e discentes definiam a avaliação. A maioria dos professores e alunos a definiram como um método que tem por objetivo analisar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Como afirma: “A avaliação é um método



para julgar algo, no âmbito da educação é usada para identificar "o quanto o aluno aprendeu" e se ele está apto a ser aprovado na disciplina, através de uma certa pontuação que o aluno é obrigado a alcançar" (DI17).

Segundo Luckesi (1984) a atual prática da avaliação estipulou como função do ato de avaliar o comportamento classificatório e não o diagnóstico, como deveria ser. Em outras palavras, o julgamento de valor poderia ter tomado novas decisões sobre o que está sendo avaliado, em contrapartida assume uma função estática que visa classificar objetos ou sujeitos de acordo com padrões estabelecidos.

Chamou-se a atenção o fato de apenas 02 discentes mencionarem a bidimensionalidade da avaliação, em que, tal processo se lança como autoanálise de práticas docentes. É importante salientar que se concebe imprescindível que não apenas professores, mas também, alunos tenham a percepção das múltiplas dimensões da avaliação, para que dessa forma, os professores assumam a responsabilidade em relação ao fracasso do aluno, considerando que a visão comportamental dos professores parece se expressar de forma radical em sua prática avaliativa, e é muito grave a sua resistência em perceber o autoritarismo inerente a esse conceito.

Quanto a isso poucos afirmaram ter a avaliação, sobretudo como instrumento para qualificar a eficiência do procedimento didático-pedagógico, conforme os seguintes depoimentos: *"é o processo pelo qual é possível qualificar ou quantificar o aproveitamento do educando bem como a eficiência da docência. Entre os objetivos estão a possibilidade do docente perceber a eficiência com que os métodos, procedimentos e conteúdos estão sendo transmitidos e incorporados pelos docentes (DO01); "avaliação é qualquer estratégia que permita diagnosticar a magnitude da aprendizagem sobre determinado assunto. Por meio dela podemos verificar a eficiência do procedimento didático-pedagógico adotado para explorar tal assunto. E isto é fundamental, porque ao ser aprovado, o aluno se apresenta para a sociedade como capaz em solucionar questões relativas aos respectivos assuntos" (DO18).*

Para Hoffmann (1993) A razão de poucos professores possuírem esse tipo de cognição é que o comportamento da perspectiva classificatória da avaliação centra-se no aspecto disciplinador e na punição, não sendo possível refletir sobre a construção do conhecimento e o processo de aprendizagem dos alunos, sendo que isso não ajuda estes mesmos sujeitos a superarem os seus erros e as suas dificuldades, pois, classificam-se e comparam-se uns alunos com os outros. Bem como, não favorece a revisão dos procedimentos do educador, ou mesmo questionar sua própria forma de analisar a prática docente.

Arelado a isso, a maioria dos participantes atribuíram críticas a extrema utilização de métodos tradicionais, como provas teóricas, afirmando que utilizar um método para o todo é excludente, não se tornando eficaz e destacando o caráter punitivo de tais métodos. Como é possível notar nos seguintes trechos: *"Acredito que os métodos avaliativos não precisam seguir uma linha reta com base em mecanismos exaustivos para a aprendizagem do aluno. Por isso penso na necessidade de trabalhar a avaliação de forma modernizada, bem pensada, de um jeito criativo e sem a necessidade de utilizar os métodos tradicionais comumente conhecidos pelos estudantes" (DI10); "muitos estudantes conseguem expressar seu conhecimento de forma diferente, os processos avaliativos ainda são muito conservadores e, às vezes, não conseguem ter seu objetivo cumprido, e acaba sendo apenas punitivo" (DI23)*

Segundo Luckesi (1984) a avaliação desempenha um papel fundamental nas mãos dos professores, que é significativo para o modelo social liberal-conservador: o papel disciplinador. Com o uso do poder, através da avaliação classificatória, o docente obriga os alunos a se adequarem às normas estabelecidas pela sociedade. Daí decorre manifestações constantes de autoritarismo.

Opondo-se a esta perspectiva, se faz necessário que a avaliação seja uma ferramenta de comunicação que visa investigar as dificuldades dos alunos, orientar direções e reformular

procedimentos de ensino, de forma a promover a construção de conceitos na sala de aula, seja ela presencial ou online. Deve ser um processo contínuo e paralelo ao processo de ensino, que tenha um forte impacto sobre o que os professores ensinam, o que os alunos estudam e o que eles aprendem.

Nesse sentido Piaget (1973) e Luckesi (1984a) apontam que a prática avaliativa na pedagogia preocupada com a transformação deve estar atenta aos métodos de superação do autoritarismo e de instauração da autonomia do aluno, pois o novo modelo social exige a participação democrática de todos, nesse sentido, se a autonomia e a reciprocidade da relação não puderem ser alcançadas, esse fato não acontecerá.

Verificou-se que mesmo aqueles docentes que reconhecem a importância da avaliação como autoanálise do seu fazer pedagógico e assumem que o processo avaliativo precisa ser diversificado, alegam dificuldades e limitações. Como se nota a seguir: *“Cada aluno é um ser individual e por isso é difícil implementar uma estratégia avaliativa que possa ser empregada perfeitamente a todos os alunos. Por isso é fundamental utilizar de diversas estratégias avaliativas, como forma de contemplar as diferentes competências apresentadas pelos alunos. Outra limitação esta relacionada a possibilidade do processo ser burlado, não correspondendo de fato ao nível de entendimento do aluno, embora, ao meu ver, esta questão esta mais relacionada ao caráter do aluno do que ao processo de avaliação em si. Não obstante, acredito ser fundamental o processo avaliativo, tanto para o professor quanto para o aluno. Por mais que a avaliação possa ser limitada em contemplar o entendimento completo sobre determinado assunto para alguns alunos, da indícios sobre esse processo. E é fundamental não deixar "solto", pois a aprovação em uma disciplina esta associada a um conjunto de conhecimentos que permitirão ao aluno assumir certas responsabilidades frente a sociedade” (D018)*

Para minimizar tais dificuldades e limitações, Hoffmann (2000) sugere que, a avaliação, enquanto relação dialógica, entende o conhecimento como a apropriação de saber por alunos e professores, como uma ação-reflexão-ação que ocorre em sala de aula para potencializar o conhecimento, de modo a se tornar algo carregado de significados e compreensão. Desta forma, a avaliação começa a exigir que os professores estabeleçam uma relação epistemológica com os alunos, esta conexão é entendida como uma reflexão aprofundada sobre a forma como os alunos entendem os objetos de conhecimento.

Nesse primeiro momento defino como curioso e inesperado o fato de a maioria dos docentes se demonstrarem serem contrários à extrema utilização de métodos tradicionais e conservadores como as provas teóricas, tendo em vista que, uma grande parcela destes professores afirmou fazer o uso de tais processos no ensino presencial que antecedeu o ERE. Isso nos leva a fazermos o seguinte indagamto: seria o Ensino Remoto Emergencial um caminho para novos processos avaliativos?

Para responder tal indagamto, buscou-se averiguar o nível de satisfação dos alunos e professores com o ERE, verificar os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores para alcançar a aprendizagem significativa neste modelo de ensino, bem como a concepção de ambos a respeito das mudanças e/ou adequações aderidas pelo corpo docente, como demonstrado no quadro 3.

Quadro 3. Quanto ao Ensino Remoto Emergencial e aos instrumentos avaliativos utilizados no referido contexto.

Concepções acerca da modificação/adequação do processo avaliativo durante o ERE



Deve ser modificado, tendo em vista que o modelo de ensino mudou.	15 DI – 09 DO
Deve ser modificado, tendo em vista que o ERE é uma oportunidade para diversificar o processo avaliativo.	09 DI – 03 DO
Deve ser modificado, tendo em vista que avaliações escritas, típicas do ensino presencial devem ser diminuídas.	06 DO
Não	01 DI – 01 DO
Depende	03 DI
Como avaliar em tempos de Ensino Remoto	
Através do diálogo, interação com o aluno, debates, discussão e participação.	18 DI – 08 DO
Seminários	05 DI – 05 DO
Atividades escritas	07 DI – 05 DO
Uso de ferramentas tecnológicas	04 DI – 03 DO
Jogos didáticos	03 DI – 02 DO
Formulário	01 DI – 02 DO
Avaliação escrita	01 DO
Não sei	01 DI
Quanto às mudanças	
Diminuição nas provas/testes	10 DI – 02 DO
Introdução de ferramentas tecnológicas interativas	04 DI – 03 DO
Uso maior de seminários	04 DI – 04 DO
Introdução de jogos didáticos	02 DI – 03 DO
Aumento de atividades escritas	02 DI – 05 DO
Maior prazo para entrega da avaliação	03 DI
Como o professor pode ajudar o aluno numa melhor compreensão e assimilação da disciplina para que o mesmo não fique preso apenas na obtenção de nota ou do conhecimento mínimo para ser aprovado durante o ERE	
Dialogando	06 DI – 03 DO
Incentivando a autonomia do aluno	01 DI - 05 DO
Estimulando o aluno	03 DI – 06 DO
Diferentes métodos avaliativos	01 DI – 03 DO
Atividades mais dinâmicas	03 DI – 01 DO
Métodos mais didáticos	03 DI
Contextualizando o conteúdo	04 DI
Diminuir atividades e/ou hora aulas	03 DI
Não sei	02 DI

Fonte: Elaborado pelo autor

Referente ao nível de satisfação com o ERE 64% dos discentes e 61% dos docentes definiram em razoável, e quando perguntados se o processo avaliativo deve ser modificado



durante o ERE, docentes e discentes concordaram que sim, tendo em vista que o modelo de ensino mudou e que a atual configuração é uma oportunidade para diversificar o processo avaliativo. Como destacado nos seguintes depoimentos: *“A avaliação pode ser compreendida de várias maneiras. Esse processo pode ser trabalhado sem a utilização de provas, o que de fato já é conhecido dos alunos, então as mudanças podem acontecer de maneira que se perceba as condições dos alunos e também dos professores. Se é pra avaliar, então traga discussões e temas que interessam ao aluno, assim ele pode contribuir nas aulas e o professor tirar suas conclusões sobre o método utilizado e a aprendizagem dos alunos”* (DI10); *“assim como o ensino presencial teve que se moldar para se adaptar a nova realidade que é o processo de ensino remoto, as avaliações deveriam seguir os mesmo caminhos. Muitos métodos de avaliação, como as famosas provas, não funcionam mais nesse período, isso porque além dos professores não terem controle de como essas avaliações serão realizadas, as diferentes condições enfrentadas pelos alunos (e também pelos professores), como a falta ou instabilidade da internet, falta de energia elétrica e diversos outros problemas que surgem ao decorrer desse período, dificultam essa realização e “avaliação”* (DI16); *“deve ser mais abrangente, não só com a modalidade “prova”, permitindo que o aluno vá atrás das fontes de consulta certa e seja responsável pela construção do seu conhecimento, com estudos investigativos, por exemplo, e discussão de temas com os colegas”* (DO11).

Segundo Paschoalino et.al (2020) a atual demanda que se apresenta aos profissionais em atuação no ERE sustenta a percepção de que a formação de opiniões e, portanto, a tomada de decisão envolve um movimento que também abrange o diálogo, que passa a ser primordial e de caráter individual, pois diz respeito aos conhecimentos, a formação e aos valores implícitos a um sujeito.

Mudanças no processo de avaliação foram apontadas e referendadas em diálogo, interação com o aluno, debates, discussão e participação, diminuição nas provas/testes, introdução de ferramentas tecnológicas interativas, dentre outras ações e atitudes que foram tomadas no contexto da pandemia. Tais ações revelam avanços expressos no processo de avaliação, marcando uma adesão ao movimento de configuração da subjetividade coletiva. Cabendo ressaltar a superação do modelo de racionalidade técnica pelo modelo de emancipação e autonomia. Como afirmam: *“Talvez a melhor avaliação esteja na conversa e interação com aluno, mesmo sendo por um “meet”. A flexibilidade nas atividades, dando maiores prazos, reduzindo o número de atividades, pode permitir que aluno realmente tenha tempo para assimilar os assuntos, conteúdos, teorias, etc. E claro que o aluno também deve se comprometer em realizar atividades mesmo que elas sejam flexibilizadas. E então, o professor poderá avaliar o aluno por meio das indagações, vendo se o aluno realmente foi além do que foi proposto, vendo se ele conseguiu relacionar com outros assuntos, etc”* (DI5); *“A vida é cheia de experiências, somos estimulados pelos docentes a entrar no ambiente de ensino com a intenção de nos fazer compreender como tudo funciona. De fato, essa interação de professor com estagiário, digamos assim, tem sido crucial para pensar em como se deve avaliar. Como exemplo disso, pude perceber que ensinar é algo não necessariamente está ligado a nota, pude também entender que o dialogar e entender o outro é a melhor forma de avaliar”* (DI10); *“Acredito que os instrumentos avaliativos durante o ERE devem ser mais explorados e que considerem a realidade dos estudantes, visando o desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem dos alunos e não objetivar avaliar só por precisar atribuir notas”* (DI19);

Para Hoffmann (2000) se o aluno for considerado o receptor passivo do conteúdo sistematizado do professor, e então suas falhas, e argumentos incompletos e inconsistentes, não poderão ser considerados sujeitos dignos de um dado de reprovação. Se fizermos o



contrário e introduzirmos o problema do erro na perspectiva do diálogo e do construtivismo, então o erro é proveitoso e positivo, se torando o elemento básico da produção do conhecimento humano. A opção epistemológica está em corrigir ou refletir sobre a tarefa do aluno. Corrigir para ver se aprendeu reflete o paradigma positivista da avaliação. Refletir sobre a produção de conhecimento do aluno e orientá-lo para superá-la, visando o enriquecimento do conhecimento significa o desenvolvimento de ações de uma avaliação mediadora.

Corroborando com essa perspectiva, quando questionados como o professor pode ajudar o aluno numa melhor compreensão e assimilação da disciplina para que o mesmo não fique preso apenas na obtenção de nota ou do conhecimento mínimo para ser aprovado durante o ERE, docentes demonstraram seguir num sentido de compreensão da configuração estabelecida entre os sujeitos com o propósito de romper com algumas práxis denominadas de tradicionais, considerando que o trabalho metodológico no modelo remoto tem sido utilizado de forma dicotômica. Como apresentado nos trechos a seguir: *“Conscientizando-o do seu papel ativo no processo de ensino aprendizagem, especialmente no ERE, sujeito ativo, responsável, produtor de seu material e de seu tempo”* (DO2); *“Fazendo o acompanhamento da frequência, usando mensagens para contatos e dialogando com aqueles que apresentam algum obstáculo durante o processo”* (DO3); *“Dialogar sempre com cada aluno que tiver dificuldades e tentar entender os bloqueios e ajudar a melhorar o aprendizado utilizando várias ferramentas e metodologias”* (DO6).

Em face do exposto, voltamos para o indagamento da seção anterior (seria o Ensino Remoto Emergencial um caminho para novos processos avaliativos?) para salientar que a partir do presente estudo pode-se notar que, o Ensino Remoto Emergencial abre caminho para a avaliação mediadora, tendo em vista que, tal perspectiva é baseada em um atendimento que pode ser tratado separadamente, bem como a comunicação verbal por meio de explicações, orientações e encaminhamentos, estabelecendo uma relação forte e direta com os alunos em termos de tempo. Esse movimento inclui ainda a superação da configuração subjetiva da racionalidade por meio dos modelos de emancipação e autonomia. Na mesma direção, os alunos mencionaram terem sido instigados, provocados, e ativos em sua aprendizagem, enquanto professores lhes propuseram ideias novas, orientaram e ofereceram condições para que estes discentes desenvolvessem suas potencialidades, características estas de uma avaliação mediadora.

Considerações Finais

O resultado da pesquisa demonstra que a tarefa do professor não é fácil diante do desafio de avaliar os alunos de forma não presencial, no entanto, se a concepção de avaliação for a de acompanhar a evolução dos alunos para orientar as ações educativas futuras, os educadores não terão grandes problemas para mensurar o que de fato os alunos estão estudando e aprendendo remotamente durante modelo de ensino analisado, visto que, há muitas possibilidades de “avaliar” a aprendizagem.

Os resultados mostram que, durante o processo de construção de um novo modelo de ensino, professores e alunos seguem na direção de um olhar contemporâneo para a avaliação. No contexto do ERE, a harmonia entre o virtual e a realidade não permite o uso da educação tradicional, portanto, a avaliação também não será exitosa se realizada aos modos tradicionais. Nesse sentido a relação professor-aluno foi modificada.

Os dados ainda revelam que essa modificação não resulta somente em perdas, tendo em vista que, oportunizou o docente compreender o que é avaliar e, ao mesmo tempo, praticar essa compreensão no cotidiano acadêmico. Ademais o paradoxo da avaliação no ensino

remoto emergencial tem colaborado com o processo de ensino aprendizagem, já que, tal momento propiciou a abdicação dos instrumentos avaliativos tradicionalmente incorporados com o objetivo de apenas atribuir números no desempenho dos discentes.

Não resta dúvida que, a forma de avaliação do ensino remoto requer habilidades que ultrapassam os conceitos, teorias e habilidades utilizadas na educação presencial. Se num mundo no qual os alunos podem ter acesso a todo tipo de informação, o papel do professor como mediador e da avaliação, como uma ferramenta que vá além da estrutura organizada do ensino tradicional, são imprescindíveis para a construção do conhecimento mesmo em períodos desafiadores como em uma pandemia. É importante ressaltar que o emprego de novas estratégias e metodologias durante o ensino remoto abre caminho para o protagonismo do aluno no seu processo de ensino-aprendizagem, nesse sentido, a integração entre a tecnologia e a educação tem dado espaço a novas formas de ensinar e de avaliar, deixando um legado de mudanças e avanços, como por exemplo, a prática e inclusão de uma avaliação mediadora identificada nos resultados deste estudo. Assim, fica evidente que a singularidade do ERE, traz a lume reflexões, sobre reformulação e atualização dos currículos no sentido de abarcar dimensões não privilegiadas anteriormente na avaliação presencial.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Knopp Sari. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CASTRO, Amélia Domingues; CARVALHO, Ana Maria Pessoa. **Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média**. São Paulo: Editora Thomson, 2006.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: Uma Relação Dialógica na Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.
- Kasai, R. C. B. Avaliação da aprendizagem: um projeto vivido. **Revista Diálogo Educacional**, 2000.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. Cortez, 14 ed. – São Paulo. 2002.
- LUCKESI, Cipriano. Avaliação: **otimização do autoritarismo**. Equívocos teóricos na prática educacional. 2. ed. Rio de Janeiro, ABT, 1984a.
- MINAYO, M. C. de L. (Org.) Pesquisa social: **teoria, método e criatividade**. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MONTEIRO, M. de O. Crítica às Práticas de Avaliação nas Redes Públicas de Ensino. 13f. **Revista Transformar**. 2015.
- MONTEIRO, Marcio de Oliveira. Avaliação em tempos de pandemia: uma abordagem holística do processo. **Revista transformar**, 2020.
- MORETTO, Vasco Pedro. Prova: **Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: Editora, Lamparina: 7a ed., 2007.
- PASCHOALINO, J. B. de Q.; RAMALHO, M. L.; QUEIROZ, V. C. B. Trabalho docente: o desafio de reinventar a avaliação em tempos de pandemia. **Revista Labor**, n 23, v.1, p 113-130, 2020.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.